

AS PRÁTICAS NA E COM A TERRA EM COMUNIDADES TRADICIONAIS ‘TRANSLOCAIS’: Reflexões sobre a Colônia Menonita de Manitoba em Cuauhtémoc/México¹

Ingrid Aparecida Gomes²

Resumo

Os menonitas são um grupo de denominação cristã que surgiu com o movimento anabatista na Europa, durante a Reforma Protestante. Parte deles, considerada tradicional, conserva características de um passado distante, o que lhe atribui certa homogeneidade interna. Esse grupo, ao longo de cinco séculos de sucessivas migrações, criou uma rede de identidades translocais. Seus integrantes preservam a religião que teve origem no século XVI na Suíça, a ancestralidade russo-alemã, o dialeto alemão *Plattdeutsch* e a memória russo-ucraniana na experiência de estruturação de comunidades rurais. Nesta pesquisa se analisa, a partir de uma contextualização translocal, as práticas na e com a terra dos menonitas da Colônia Manitoba no México. Tal reflexão se desenvolve a partir de três questões ligadas à questão agrária: a referência bíblica de comunidade cristã, a reclusão em colônias como forma de manutenção de tradições e a modernização da agropecuária com constructo de ligação ao ‘mundo’ externo.

Palavras-chave: Menonitas Tradicionais, Comunidades Translocais, Questão Agrária.

Introdução:

Os menonitas fizeram parte do movimento Anabatista que se originou durante a Reforma Religiosa do século XVI na Suíça. Pela posição radical que assumiram, pregando a separação entre Estado e Igreja, foram perseguidos pela maioria dos Estados europeus, o que os levou a sucessivas migrações. Entre 1540 e 1780, ou seja, durante mais de dois séculos, muitos menonitas das regiões flamenga e frísia (hoje Bélgica e Holanda) se dirigiram para a região de Danzig na Prússia (hoje Polônia) (SCHROEDER e HUEBERT, 2014). Foi nesse deslocamento que o grupo, que até então se mantinha com atividades urbanas, passou a se vincular também as atividades ligadas à terra.

Em meados do século XVIII grande parte do grupo decidiu aceitar o convite de Catarina II, imperatriz da Rússia, se estabelecendo nas proximidades do rio Dnieper (hoje Ucrânia). O objetivo era o de ocupar a região dos Estepes com atividades agropecuárias, o que se desenvolveu através de projetos de colonização dirigidos. O governo imperial russo lhes prometeu absoluta liberdade religiosa, bem como isenção da obrigatoriedade do serviço militar e do juramento de lealdade, permitindo-os manter seus ideais (MCC, 2009). Todavia,

¹ Trabalho escrito em parceria com a Prof^a Dra Cicilian Luiza Löwen Sahr, cicilian@uol.com.br.

² Universidade Federal do Paraná, ingrid.gomes.icp@gmail.com.

com o passar do tempo, os privilégios oferecidos foram ficando restritos, obrigando-os a procurar novas alternativas.

A principal rota tomada foi o Canadá entre 1874 e 1922, primeiramente para a Província de Manitoba e posteriormente para a de Saskatchewan. O governo canadense também lhes ofereceu privilégios, entre eles a liberdade no sistema escolar e a isenção da obrigatoriedade do serviço militar. Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, entretanto, exigiu-se que as escolas tivessem o ensino em inglês e não mais no baixo alemão (*Plattdütsch*). Aboliu-se também a isenção do serviço militar, que poderia ser substituído por um serviço florestal. O descontentamento com isso levou a migração dos grupos mais conservadores (FRETZ, 1945; MMC, 2009; MCCM, 2012).

Em 1921, após negociações com o governo mexicano, firmou-se um acordo com o Presidente Álvaro Obregón, que garantiu aos menonitas que se fixassem em território mexicano para ocupar parte da região árida no centro do estado de Chihuahua, ao norte da cidade de Cuauhtémoc. Para estes se concedeu a isenção do serviço militar, a liberdade religiosa e a possibilidade de manter suas próprias escolas (WIEBE e THIESSEN, 2014). Assim, sucessivas levas de menonitas migraram do Canadá para o México. Esta migração foi engrossada também por menonitas provenientes de outros países.

No México, desde 1922 até a atualidade, um grande contingente de menonitas (mais do que 50.000) chegaram através de diferentes ondas imigratórias provenientes, sobretudo, do Canadá. Atualmente, se encontram no país mais 27 regiões menonitas, a maioria destes vivendo em comunidades rurais com certa reclusão e estando pouco permeável à realidade deste país receptor (GIESBRECHT e KLASSEN, 2011). Para Löwen Sahr e Heidrich (2016), localidades divorciadas de seus contextos nacionais, como as colônias etnoreligiosas menonitas, sobretudo as mais conservadoras, podem ser identificadas como ‘translocais’.

Nesta pesquisa se analisa, a partir de uma contextualização translocal, as práticas na e com a terra dos menonitas da Colônia Manitoba no México. Tal reflexão se desenvolve a partir de três questões ligadas à questão agrária: a referência bíblica de comunidade cristã, a reclusão em colônias como forma de manutenção de tradições e a modernização da agropecuária com constructo de ligação ao ‘mundo’ externo.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizado trabalho de investigação em campo no período entre 2011 a 2017 em Cuauhtémoc no México. Algumas das análises que foram desenvolvidas a partir das diversas imersões realizadas são aqui apresentadas, dando destaque

àquelas que se referem a Colônia Menonita Manitoba. Simultaneamente a investigação *in loco*, foi realizado trabalho em laboratório para organização e compilação das informações obtidas. Os dados espaciais (coordenadas aproximadas dos campos menonitas visitados) foram organizadas em SIG (Sistema de Informação Geográfica). Foram utilizados vetores no formato *Shapefile* (colônias e campos menonitas) disponíveis para *download* no site do INEGI (*Instituto Nacional de Estadística y Geografía*). Foi utilizado ainda o software ARCGIS 9.3 para produção de cartogramas.

Colônias e aldeias menonitas: modelo bíblico de comunidade cristã?

Fatores locais são decisivos na fixação de determinados grupos no espaço, o que também se aplica aos menonitas. Estes agem de acordo com sua cultura e necessidades, provocando transformações ambientais com o intuito desenvolver suas atividades cotidianas. As condições físicas (relevo, solo, hidrografia) se apresentam como recursos que são de interesse do grupo. Ao mesmo tempo, existem também fatores mais especificamente sociais, que contribuem para a utilização destes. Para a garantia de certa reclusão, alguns grupos menonitas, como é o caso de grande parte dos menonitas no México, buscam terras em áreas em condições locais tidas como desfavoráveis - ermas e/ou desérticas - visando manter a coesão do grupo.

Portanto, ao se examinar as relações de uma população com determinado espaço, verifica-se logo que a distribuição dos indivíduos, dos grupos e das organizações não se faz ao acaso, mas obedece a princípios. No caso dos menonitas estes parecem refletir a experiência migratória do grupo, mas também seus princípios religiosos. As discussões referentes a padrões de povoamento, suas estruturas e formas de ocupação e uso do solo são encontradas, sobretudo, em estudos clássicos como os de Smith (1971); Leonard e Clifford (1971); Bertrand (1973); Vasconcelos (1977) e Mendras (1978).

Os padrões clássicos de povoamento identificados por Soares e Löwen Sahr (2013) são: a) Aldeias Lineares: caracterizadas principalmente pela forma de ocupação orientada, onde a localização das residências segue o padrão do sistema viário, ou a hidrografia ou o mar; b) Aldeias Nucleadas: tem como característica um elemento central o qual orienta a estrutura de povoamento, podendo ser uma igreja, ou escola, associação ou outro item de uso comunitário; c) Aldeias Dispersas: por serem caracterizadas pela distância entre as

residências, não há formação de núcleo habitacional, porém pode haver um núcleo comercial, que as pessoas frequentam para adquirir alimentos diversos ou medicamentos, podendo ainda existir na área igreja e escola.

A Aldeia Linear assemelha-se muito à forma de Aldeia Nucleada, onde as residências dos agricultores se encontram próximas umas das outras. Contudo, no povoado linear cada agricultor vive em seu terreno e não afastado das áreas onde efetua suas plantações. Os terrenos de residências estendem-se ao lado de uma linha comum, como uma estrada, riacho ou praia. As Aldeias Nucleadas são aquelas em que as residências dos lavradores se agrupam longe da gleba onde trabalham. Um traço característico desse tipo de povoamento é que os agricultores se deslocam diariamente do centro do povoado para o campo a fim de executar as tarefas rotineiras da agricultura. A Aldeia Dispersa caracteriza-se por uma forma particular do agricultor se organizar e viver, onde as residências não ficam próximas umas das outras, criando assim um padrão de propriedades isoladas ou dispersas. Esta forma também pode ser conceituada como Fazendas Dispersas.

Os menonitas preservam algumas características de um passado distante, o que lhes atribui certa homogeneidade dentro do grupo. Um elemento que se assemelha muito, não só entre os menonitas da América Latina, e que merece destaque são os padrões de povoamento. Eles procuram reproduzir suas colônias e aldeias nos mesmos moldes das ocupações que seus antepassados tinham em terras russas, nas quais as comunidades religiosas eram também unidades de povoamento (LÖWEN SAHR, 2013).

Segundo Klassen (1995), em terras russas, quatro fatores eram fundamentais nos povoamentos: a) a organização da comunidade deveria seguir o modelo bíblico de comunidade cristã, embora houvesse diferentes interpretações sobre este; b) a forma de ocupação da terra deveria garantir uma unidade, cujos moradores se identificassem enquanto um grupo com os princípios menonitas; c) a Colônia teria um administrador geral eleito pelos seus moradores e seria autogestionada através de suas unidades menores, as Aldeias, as quais escolhiam seus administradores diretos; d) o grupo, embora se identificasse como um grupo religioso e não étnico, deveria procurar manter sua herança cultural alemã, em especial a língua – o baixo alemão, ou seja, o *Plattdütsch*. Trata-se, portanto, de fatores que buscam a coesão social do grupo, ou seja, o modelo bíblico, os princípios religiosos, as características semidemocráticas e a homogeneidade cultural.

O sistema de povoamento que utilizavam na Rússia, a Strassendorf (Aldeia Linear),

teve que ser adaptado às características de ordenamento territorial das novas regiões. Os menonitas que chegaram ao Canadá precisaram negociar uma adequação ao padrão de povoamento quadrangular (Fazendas Dispersas), utilizado no processo oficial de colonização daquele país, ao sistema de Aldeia Linear a que estavam habituados e que compunha o padrão de colonização nos Estepes russos. No caso das colônias menonitas mexicanas, estas foram estabelecidas, sobretudo, em regiões planas, semelhante à realidade topográfica canadense de onde provinha a maioria dos integrantes do grupo pioneiro.

Assim, adotou-se no México o mesmo modelo híbrido - quadrangular com Aldeias Lineares - utilizado nas colônias menonitas do Canadá. O modelo quadrangular consiste na divisão do terreno em parcelas (glebas, lotes) semelhantes, distribuídos ao longo de uma via principal, considerando o relevo praticamente como um tabuleiro³, com pouca ou nenhuma declividade, sem obstáculos naturais e mesmo tipo de solo em toda a sua extensão. Os tipos de ambiente (com drenagem, terras férteis ou não férteis, morros, baixadas, estradas, etc) dentro de cada quadrícula são variáveis, podendo ser em áreas propícias ou não para agricultura, com ou sem disponibilidade de recursos naturais. Tão importante como manter o padrão de povoamento utilizado por seus antepassados, é o assegurar de que na colônia e suas aldeias se preserve a homogeneidade, ou seja, que as pessoas se mantenham menonitas.

A Colônia Manitoba como comunidade tradicional ‘translocal’

A translocalidade dos menonitas na América Latina ressalta uma questão curiosa sobre a relação entre comunidade e globalização. Na escolha de novos espaços para fixação, os menonitas buscam alternativas que propiciem a sobrevivência econômica e cultural do grupo, sem acabar com seus princípios étnicos-religiosos (LÖWEN SAHR, 2013). Em função disso, os países escolhidos como destino migratório dos grupos mais conservadores são aqueles que lhes permitam a manutenção de suas instituições tradicionais: a escola e a igreja. Essas condições são oferecidas pelo México.

O recorte territorial desta pesquisa é a Colônia Manitoba. O lugar anterior de residência dos moradores desta colônia é denunciado em sua denominação, Manitoba. Trata-se do estado canadense com maior concentração de menonitas. Essa colônia está localizada na

³ Por não ser adequado a áreas com relevo irregular, este modelo recebe comumente a designação de “quadrado burro” no Brasil.

contiguidade da sede do município de Cuauhtémoc, no estado mexicano de Chihuahua.

De acordo com Löwen Sahr (2013), os menonitas criaram uma rede de identidades translocais ao longo de cinco séculos de sucessivas migrações, onde preservam a ancestralidade alemã, a herança russo-alemã, o dialeto alemão *Plattdütsch* e a memória russo-ucraniana na experiência de estruturação de comunidades de povoamento como comunidades etnoreligiosas. A Colônia Manitoba é um exemplo da manutenção dessas tradições. Seus integrantes são praticamente todos de confissão religiosa menonita e, mesmo tendo migrado do Canadá e nunca ter vivido na Alemanha, se consideram alemães. O dialeto alemão é mais falado do que o inglês usado na província canadense de Manitoba, e o espanhol, idioma oficial do país onde moram a quase 100 anos.

Neste sentido, entende-se que o estabelecimento socioeconômico dos menonitas da Colônia Manitoba, frente a uma sociedade globalizada, se dá através de fatores sociais, culturais e econômicos, através de uma visão pós-moderna de sociabilidade. Porém, remanescem alguns adendos únicos como religião, dialeto próprio e origem étnica (MASKE, 1999).

Tendo em vista esta estruturação social dos menonitas, o conceito de “translocalidade” torna-se importante para a compreensão de suas expressões espaciais, como é o caso na Colônia Manitoba. Haesbaert e Mondardo (2010) utilizam um conceito parecido, denominado “transterritorialidade”, fazendo até menção desta semelhança. Contudo, a ideia da transterritorialidade se refere principalmente a processos de hibridismo, enquanto a ideia da “translocalidade” permite, conceitualmente, reunir diferentes territórios identitários (LÖWEN SAHR e HEIDRICH, 2016).

As terras compradas em 1921 para a instalação da Colônia Manitoba em Cuauhtémoc compunham uma única gleba de aproximadamente 60.000 hectares (SCHROEDER e HUEBERT, 2014). A manutenção da coesão interna do grupo, aspecto fundamental para os menonitas, é assegurada até hoje através da propriedade coletiva das terras da colônia. Embora ocorra internamente um processo de individualização dos lotes, a comercialização desses é controlada. Isso contribui para dificultar que pessoas externas passem a conviver diretamente em suas áreas.

No caso dessa colônia, embora se trate de relevo plano, uma forma de amenizar as diferenças ambientais dentro da área adquirida foi a distribuição entre as famílias, na fase inicial da colônia, de três quadriculas para cada uma delas - com localização e características

diferenciadas -, além do lote rural na Aldeia Linear. O adensamento dos lotes destinados à habitação ao longo da estrada permite uma maior convivência entre os moradores, possibilitando aos mesmos o desenvolvimento de relações comunitárias.

Quando da instalação da Colônia Manitoba, os próprios menonitas planejaram como seriam as divisões das terras em lotes e por onde passariam as estradas internas. As suas aldeias, com características lineares como as antigas aldeias que tinham na Rússia e no Canadá (Figura 1), recebiam nomes de aldeias russas e também canadenses: Blumental, Gnadenfeld, Chortitz, Rosenort, Blumengart, Hochfeld, Reinland, Schönfeld, entre outras. As pessoas que migravam eram colocadas juntamente com seus vizinhos de aldeia do Canadá nas novas aldeias do México (FRETZ, 1945).

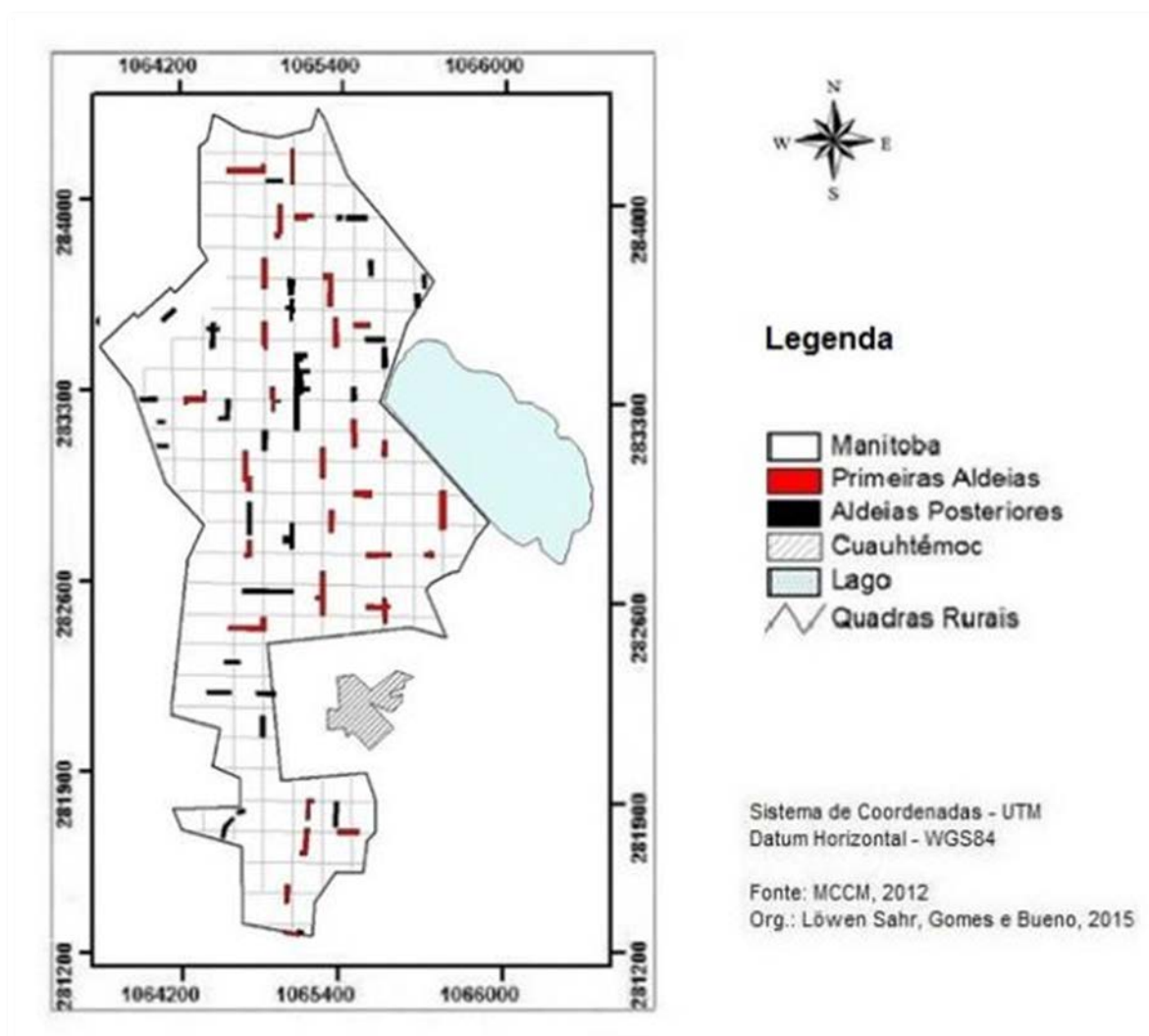


Figura 1: Colônia Menonita de Manitoba – Adensamento com novas aldeias menonitas

Estas aldeias, além de nomes no idioma alemão, receberam uma numeração para facilitar o cotidiano de seus moradores e, sobretudo, da população mexicana que vivia nos arredores. A numeração da Colônia Manitoba estabeleceu-se de forma sequencial, iniciando-se a contagem do sul em direção ao norte, na porção Oeste, até o número 10, retornando a contagem do norte para o sul na porção Leste, finalizando com o número 28.

Com o crescimento da população da colônia ao longo do tempo, foram aumentando gradativamente o número de aldeias, denominadas localmente como 'campos'. Das 28 aldeias do período inicial, passou-se atualmente para 86 (MCCM, 2012). Para organizar esta questão o grupo desenvolveu um sistema de nominação das aldeias que vai além dos números sequenciais previamente elaborados. Adota-se tanto a classificação com letras (A, B, C) quanto com frações de número ($\frac{1}{2}$ ou 0,5). Há, todavia, também a combinação destas duas modalidades de classificações. Entre o 'Campo Seis' e o 'Campo Siete' se criaram, por exemplo, os Campos 'Seis B', 'Seis y Medio', 'Seis y Medio B', 'Seis y Medio C' e 'Seis y Medio D'. Outra dinâmica estabelecida foi o adensamento populacional nas aldeias já existentes.

A Colônia Manitoba se apresenta, assim, como um exemplo emblemático do que Löwen Sahr e Heidrich (2016) denominam de localidades "translocais". Trata-se de uma localidade divorciada de seu contexto como é caso de grande parte das colônias etnoreligiosas menonitas do México, sobretudo as mais conservadoras. Na Figura 2, observa-se que as Aldeias Menonitas (Vermelho) encontram-se justapostas e ocupam grande área ao norte da cidade de Cuauhtémoc (Amarelo), enquanto as localidades rurais não menonitas (Preto) apresentam-se as circundando. Tal justaposição, sem a existência de enclaves não menonitas, lhes garante a homogeneidade almejada.

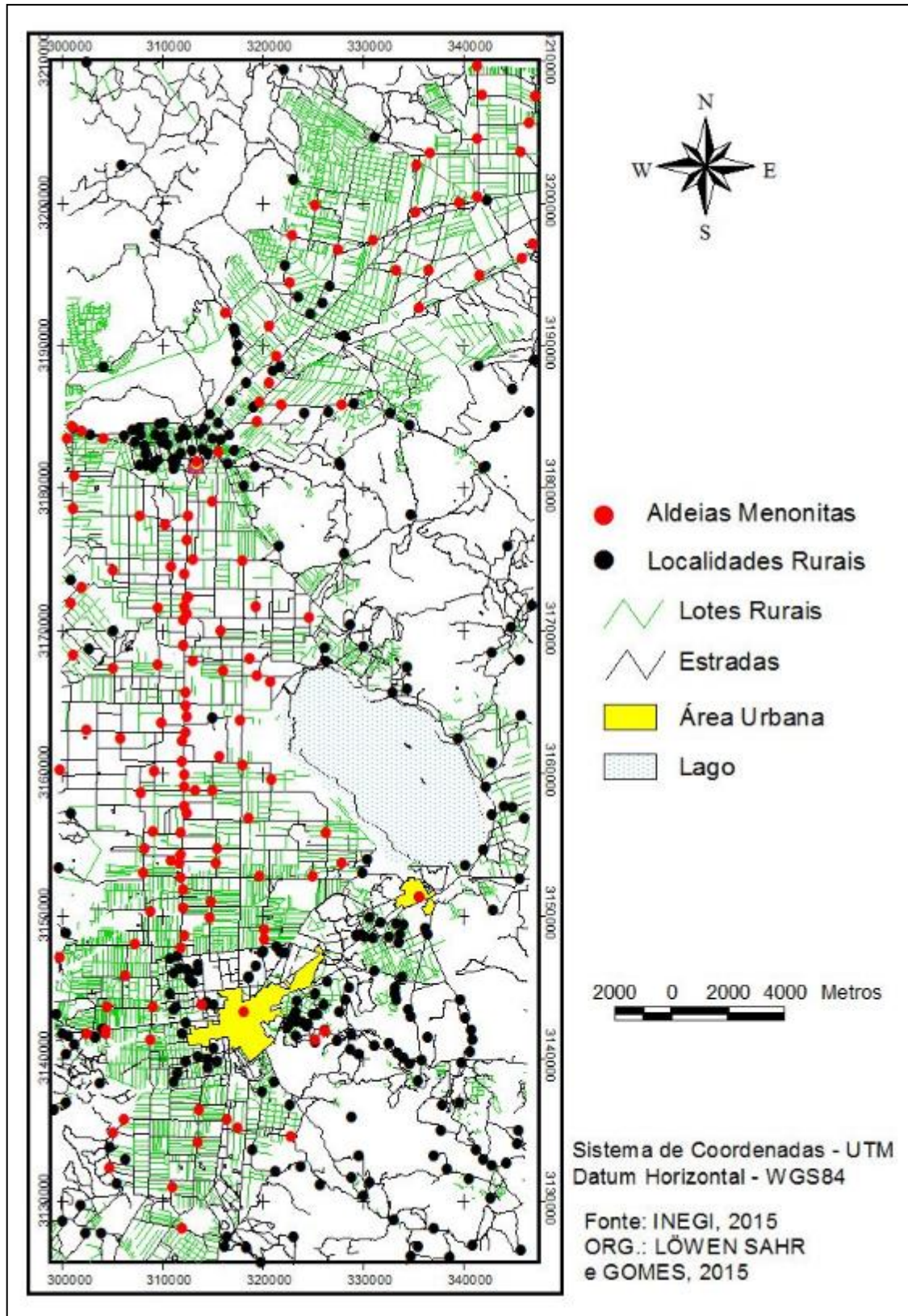


Figura 2: Distribuição das Aldeias Menonitas que compõe a Colônia Menonita de Manitoba em relação as demais localidades rurais e da área urbana de Cuahtémoc

As atividades agropecuárias como constructo com o ‘mundo’ externo

Antes da chegada dos menonitas, o município mexicano de Cuauhtémoc era ocupado por uma população local, majoritariamente nativa da região e católica, e pelos indígenas Tarahumaras. Esta população - ainda presente no município, mas deslocada para as bordas das áreas menonitas -, segundo Llera Pacheco, López Nórez e Hernández (2013), apresenta até hoje baixo nível de escolaridade, aspecto que pode justificar o predomínio da atividade agrícola tradicional entre eles.

Wiebe e Thiessen (2014) relatam que os menonitas trouxeram consigo, do Canadá, os equipamentos necessários para o trabalho com a terra e também para a construção dos assentamentos. O solo na Colônia Manitoba era virgem e sobre ele havia vegetação de Estepe. Eles trataram de retirar a vegetação transformando o solo em campos de cultivo. No novo país tiveram que se adaptar também a outro clima. Segundo estes mesmos autores, sem a tratorização do campo e sem o surgimento simultâneo da indústria leiteira a colonização teria fracassado.

Embora a base da economia da Colônia Manitoba sempre tenha se pautado na agricultura, a partir dos anos 1960 assistiu-se a um rápido desenvolvimento comercial e industrial em seus campos, o que resultou num estilo de vida menos rural. As indústrias agrícola, frutícola, de laticínio e metal mecânica foram tomando força (WIEBE e THIESSEN, 2014).

Portanto, junto com a instalação dos menonitas foi gradativamente se impondo também uma cultura empresarial local. Embora o grupo menonita que aí se fixou também apresente baixa escolaridade e conserve suas características culturais e religiosas, em termos econômicos, ele rapidamente se integrou as regras do mercado. Segundo Llera Pacheco, López Nórez e Hernández (2013), um fator contribuinte dos menonitas no desenvolvimento econômico local de Cuauhtémoc é a diversificação dos negócios e criação de empresas adaptadas aos padrões modernos de consumo. Esta característica está vinculada com a capacidade de inovação e cooperação internacional entre os grupos menonitas.

Assim, Cuauhtémoc vem experimentando um dinâmico desenvolvimento regional, que se sustenta em atividades relacionadas principalmente à produção e comercialização de maçã, à indústria de laticínios e a comercialização de maquinários e equipamentos agroindustriais, entre outros (CEPAL, 2000). Estes elementos têm diferenciado Cuauhtémoc

dos outros municípios mais antigos de Chihuahua, transformando-o num dos centros econômicos mais importantes do estado. Nesse processo os menonitas desempenham um papel central.

Em Cuauhtémoc existe uma zona de negócios menonitas, chamado de “Corredor Menonita” (Rodovia Chihuahua 5), com uma extensão aproximada de 40km. Esse corredor, que liga a cidade de Cuauhtémoc à localidade de Álvaro Obregón e que cruza a Colônia de Manitoba, é uma das zonas mais dinâmicas no setor industrial, tecnológico e comercial. Neste corredor se combinam atividades econômicas diversas, que vão desde a simples comercialização de sementes, pão, queijos artesanais, até a comercialização de máquinas agroindustriais sofisticadas, a fabricação e exportação de estufas e refrigeradores produzidos localmente. Segundo Wiebe e Thiessen (2014, p. 31), trata-se de “uno de los corredores comerciales modernos más importantes y grandes de Latinoamérica”.

A indústria de laticínios é de grande importância, sobretudo para os pequenos produtores menonitas que obtêm seus rendimentos da entrega do leite a elas. A venda de leite e derivados alcança o mercado nacional mexicano e ainda a exportação. Atualmente se tem 24 queijarias no município, as quais produzem cerca de 70 toneladas diárias de queijo. Os menonitas aprenderam a produzir com seus vizinhos não menonitas. No ano de 2012 havia aproximadamente 200.000 macieiras plantadas por menonitas. Na agricultura os cultivos mais comuns são o milho, feijão e trigo, seguido do algodão, amendoim, pimenta e cebola. No ano de 2012 se colheu em Cuauhtémoc cerca de 650.000 toneladas de milho e 175.000 toneladas de feijão. (WIEBE e THIESSEN, 2014).

A observação da Figura 4 permite estabelecer algumas inferências com relação as transformações espaciais ocorridas na Colônia Manitoba. Há uma tendência ao alinhamento das aldeias na direção Norte-Sul no centro da colônia. Este alinhamento retrata um adensamento populacional ao longo do ‘Corredor Menonita’ (Rodovia Chihuahua 5). Tem-se aí, portanto, um intenso processo de urbanização vinculado ao setor secundário e terciário da economia. Outra tendência que se verifica é de uma distribuição regular das aldeias na colônia. Tal homogeneidade foi induzida pelo planejamento da colônia já nos seus primórdios, através de um traçado quadrangular rígido das estradas e de um espaçamento regular entre os núcleos de povoamento, ou seja, as aldeias. Fora do corredor central, as atividades predominantes se vinculam ao setor primário. (LÖWEN SAHR; GOMES; BUENO, 2016).

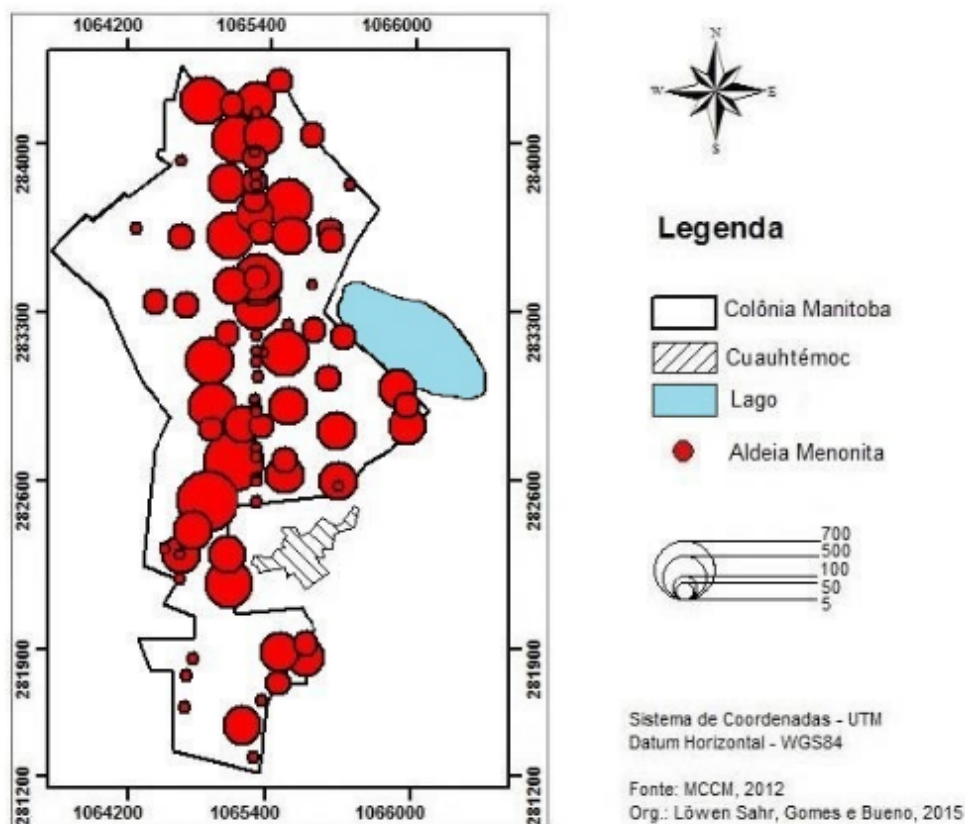


Figura 4: Distribuição da população menonita da Colônia Manitoba segundo suas aldeias – 2012

Observa-se que na Colônia Manitoba 2 aldeias possuem mais de 500 habitantes, 2 possuem entre 500 e 400 habitantes, 6 possuem entre 400 e 300 habitantes, 22 possuem entre 300 e 200 habitantes, 24 possuem entre 200 e 100 habitantes e 30 possuem menos de 100. O grande adensamento populacional também se deve a questões culturais como o casamento precoce dos jovens e o não controle da natalidade, que se vinculam a baixa escolaridade entre os menonitas tradicionais.

O convívio entre menonitas da Colônia Manitoba e não menonitas dos seus arredores, todavia, nem sempre se faz de forma harmônica. Segundo a CEPAL (2000), há uma ausência de visão comum entre menonitas e não menonitas quanto ao futuro desenvolvimento local. Essa diferença entre os grupos se acirra quando a questão é o uso da água subterrânea, importante recurso numa área com características desérticas. O conflito quanto ao uso da água subterrânea se intensificou com a prática de uma agropecuária de alta tecnologia pelos

menonitas, apoiada na irrigação. Frente a isso, os não menonitas os acusam de estarem acabando com o aquífero, explorando compulsivamente o único recurso hídrico da região.

Conclusão

A formação de uma localidade parte da escolha de um espaço, visando que o mesmo venha a suprir as necessidades com fatores primordiais, como proximidade a fontes de água, vias de circulação, terras produtivas, e por fim, área para alocação das residências. Esses espaços são adaptados ou transformados, ao longo do tempo, para proporcionar uma melhor vivência do grupo e fortalecimento deste enquanto comunidade.

No caso do grupo menonita tradicional, o fator cultural é extremamente influenciador na estruturação do povoamento. Foi possível constatar que, a forma de configuração espaço-territorial deste grupo etnoreligioso se assemelha àquela vivida pelos mesmos em terras canadenses e traz elementos de seus ancestrais que viveram em território russo. A forma de organização espacial dos menonitas de Cuauhtémoc produz uma espacialidade coletiva construída ao longo dos séculos pelo grupo em seus constantes deslocamentos migratórios, numa prática definida como translocalidade.

Esta estrutura de povoamento sustenta suas relações socioespaciais por meio de práticas e estratégias: a) a estruturação de aldeias com aglomerações de casas permite uma vivência comunitária com base em suas convicções religiosas; b) a estruturação em diferentes escalas – aldeias, campos e colônias – garante-lhes uma possibilidade de autogestão; e c) a homogeneidade interna do padrão de povoamento e sua diferenciação com relação ao modelo de povoamento local/regional garante-lhe uma proteção na manutenção de suas especificidades culturais.

A presença menonita em Cuauhtémoc é massiva, sobretudo na porção norte da área urbana ao longo do chamado "Corredor Menonita" (Rodovia Chihuahua 5). Este corredor comercial liga a cidade à localidade de Álvaro Obregón. As localidades rurais não-menonitas são visivelmente em menor número, concentrando-se nas circunvizinhanças destas duas localidades de maior adensamento.

A estrutura de povoamento da Colônia Manitoba, segue o padrão quadrangular. Neste modelo, os lotes agrícolas ficam distantes das casas, exigindo deslocamentos. Por outro lado, os lotes das casas se aproximam, permitindo uma convivência coletiva. No interior da colônia

há uma divisão em áreas, denominadas por eles de campos. Dentro de cada campo verificam-se agrupamentos de casas em forma linear. As aldeias possuem uma estrutura de povoamento orientada por um elemento ou conjunto de elementos centrais, que pode ser uma igreja, uma escola ou qualquer outro equipamento comunitário.

A forma de organização espacial dos menonitas de Cuauhtémoc expressa na identidade coletiva construída ao longo dos séculos pelo grupo em seus constantes deslocamentos migratórios. A manutenção da coesão interna do grupo de Cuauhtémoc, aspecto fundamental para os Menonitas, é assegurada através da propriedade coletiva de toda a extensão das Colônias, embora ocorra internamente o processo de individualização dos lotes. Isso contribui também para dificultar que pessoas externas passem a conviver diretamente em suas áreas.

Os aglomerados populacionais menonitas diferem dos demais núcleos populacionais comumente encontrados na área rural do México. No caso das áreas desérticas, como em Chihuahua, os núcleos populacionais não-menonitas são apenas esparsamente encontrados. Para a sobrevivência nestas regiões com atividades agropecuárias é necessária alta tecnologia, destacando-se a necessidade de irrigação. A análise das práticas na e com a terra dos menonitas tradicionais do México proporcionou a identificação de que, se de um lado eles mantêm atividades sociais e religiosas conservadoras, por outro combinam elementos inovadores e modernos em suas atividades econômicas. Desta forma, as atividades voltadas à agropecuária representam, de certa forma, um importante constructo com o ‘mundo’ externo.

Referências Bibliográficas

BERTRAND, A. L. **Sociologia rural**: uma análise da vida rural contemporânea. Porto Alegre: Atlas, 1973.

CEPAL. **El Paradigma del desarrollo regional basado en la Cooperación Público - Privada**: El Caso de Chihuahua, México. Santiago, Chile: Comisión Económica para América Latina y El Caribe, 2000.

FRETZ, J. W. **Mennonite Colonization in Mexico**. Pennsylvania/EUA: MCC, 1945.

GIESBRECHT, K.; KLASSEN, W. **Auf den Spuren der Mennoniten**. Steinbach: Die Mennonitische Post, 2011.

HAESBAERT, H.; MONDARDO, M. **Transterritorialidade e antropofagia:** territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. *GEOgraphia*, n. 12, v. 24, p. 19-50, 2010.

KLASSEN, P. P. **Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien.** Band 1: Rio Alto Krauel und Stoltzplateau in Santa Catarina. Bolanden-Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995.

LLERA PACHECO, F. J.; LÓPEZ NÓREZ, M. A.; HERNÁNDEZ, J. E. Desarrollo regional en comunidades colectivizadas: análisis comparativo entre grupos menonitas y no-menonitas en Cuauhtémoc, Chihuahua, México In: LLERA PACHECO, F.J.; BAUTISTA, E. (Org.). **Comunidades menonitas de México y Brasil:** influencia y aportaciones. Ciudad Juárez: Universidade Autononoma Ciudad Juárez, 2013, v. 1, p. 112-128

LEONARD, O.; CLIFFORD, R. **A sociologia rural para os programas de ação.** São Paulo: Pioneira, 1971.

LÖWEN SAHR, C. L. Translocalidades nos espaços sociais menonitas: reflexões a partir do caso brasileiro. In: LLERA, F.J.; BAUTISTA, E. (Org.). **Comunidades menonitas de México y Brasil:** influencia y aportaciones. Ciudad Juárez: Universidade Autononoma Ciudad Juárez, 2013, v. 1, p. 112-128.

LÖWEN SAHR, C. L.; HEIDRICH, Á. L. Translocalidades menonitas na América Latina e Caribe. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 536-550, dec. 2016.

LÖWEN SAHR, C. L.; GOMES, I. A; BUENO, A. G. Análise demográfica e espacial das Colônias Menonitas do México. In: LÖWEN SAHR, C. L., SEGRADO PAVÓN, R. G.; LLERA PACHECO, F. J. (Org.). **Comunidades Menonitas de México y Brasil:** Influências y Aportaciones. 2a.ed. Ciudad Juarez: UACJ, 2016, v. 1, p. 43-58.

MASKE, W. **Bíblia e Arado:** os menonitas e a construção do seu reino. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.

MCC – Mennonite Church Canada. **Mennonites:** A brief history of witness, Service, Peace. Winnipeg: MCC, 2009.

MCCM - Museu y Centro Cultural Menonita. **Calendário 2012.** Cuauhtémoc: MCCM (verso), 2012.

MENDRAS, H. **Sociedades camponesas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SCHROEDER, W.; HUEBERT, H. T. **Mennonite historical atlas.** 2nd ed, rev. and expanded. Canadá, 2014.

SMITH, T. L. **Organização Rural.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

SOARES, J. G.; LÖWEN SAHR, C. Estruturas e padrões espaciais de povoamento em comunidades de faxinal. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.7, n.1, p. 109-124, jan/jun. 2013.

VASCONCELOS, E. **Sociologia rural**. Imprensa Universitária - Universidade Federal de Viçosa: Viçosa, 1977.

WIEBE, E. W.; THIESSEN, A. L. **Menonitas em Chihuahua**: Ayer y hoy. Cuauhtémoc/México: MCCM, 2014.